POR CAMPINAS

No ceu, o azul sem termo, o esplendoroso dia,
o sol a difundir calor, vida, alegria!

Na valla humida e negra os viscosos contactos
das larvas pululando em corpos putrefactos!

No frondoso arvoredo engalanado em flores
o brando pipilar das aves multicôres!

Na alcova o estertor do pae, do irmão, do filho,
e pranto a requeimar uns olhos já sem brilho!

Por entre os laranjaes juncados de aureos pômos,
borboletas azues sugando os cardamomos!

No cemiterio triste os golpes compassados
dos alviões abrindo o leito dos finados!

Com mil raios de prata a lua a varzea innunda
e a patativa canta em meio á paz profunda!

A' luz baça e mortal que um candieiro espalha
cosem, a soluçar, a lugubre mortalha!

A humanidade em luto! Em festa a natureza!
que ironia cruel! que medonha tristeza!

***

Hontem tudo sorria, era tudo esperanças,
flores por toda a parte e em grupos as crianças,

cantos, bailes, amor, luxo, risos, ventura!
todos julgando ter a existencia segura;

o solo abençoado, o céu sempre clemente
e deixando correr o tempo suavemente...

Na uberrima cidade a ninguem faltaria
o pão alvo, e contente o operario vivia!

***

Nada mudou em torno, os céus e a terra em lumes
envolvem a cidade em nuvens de perfumes!

E mentem céus e terra em tal serenidade
assassinam sem dó, devastam sem piedade!

Deserto é tudo já, os valles e as montanhas,
escutam-se, de longe, imprecações estranhas;

um grito enfraquecido, um gemer logo extincto
o agonisar de um povo empestado e faminto.

Como se anoitecesse em meio a vastas ruinas
causa um secreto horror o contemplar Campinas.

Quantas filhas sem paes á fome condemnadas!
Quantos paes a velar filhas amortalhadas!

Quanta esposa a chorar o meigo companheiro!
Quanta mãe velha e enferma, o arrimo derradeiro!

***

Esmola irmãos, esmola! Enxuguemos o pranto
aos orphãos na miseria, ás mães que soffrem tanto!

E Deus protegerá o nosso lar bemdito,
e accenderá, por nós, mais um sol no Infinito!

ADELINA A. LOPES VIEIRA.

Typ. de Adolpho de Castro Silva & C.

POR CAMPINAS

No ceu, o azul sem termo, o esplendoroso dia,
o sol a difundir calor, vida, alegria!

Na valla humida e negra os viscosos contactos
das larvas pululando em corpos putrefactos!

No frondoso arvoredo engalanado em flores
o brando pipilar das aves multicôres!

Na alcova o estertor do pae, do irmão, do filho,
e pranto a requeimar uns olhos já sem brilho!

Por entre os laranjaes juncados de aureos pômos,
borboletas azues sugando os cardamomos!

No cemiterio triste os golpes compassados
dos alviões abrindo o leito dos finados!

Com mil raios de prata a lua a varzea innunda
e a patativa canta em meio á paz profunda!

A' luz baça e mortal que um candieiro espalha
cosem, a soluçar, a lugubre mortalha!

A humanidade em luto! Em festa a natureza!
que ironia cruel! que mêdonha tristeza!

***

Hontem tudo sorria, era tudo esperanças,
flores por toda a parte e em grupos as crianças,

cantos, bailes, amor, luxo, risos, ventura!
todos julgando ter a existencia segura;

o solo abençoado, o céu sempre clemente
e deixando correr o tempo suavemente...

Na uberrima cidade a ninguem faltaria
o pão alvo, e contente o operario vivia!

***

Nada mudou em torno, os céus e a terra em lumes
envolvem a cidade em nuvens de perfumes!

E mentem céus e terra em tal serenidade
assassinam sem dó, devastam sem piedade!

Deserto é tudo já, os valles e as montanhas,
escutam-se, de longe, imprecações estranhas;

um grito enfraquecido, um gemer logo extincto
o agonisar de um povo empestado e faminto.

Como se anoitecesse em meio a vastas ruinas
causa um secreto horror o contemplar Campinas.

Quantas filhas sem paes á fome condemnadas!
Quantos paes a velar filhas amortalhadas!

Quanta esposa a chorar o meigo companheiro!
Quanta mãe velha e enferma, o arrimo derradeiro!

***

Esmola irmãos, esmola! Enxuguemos o pranto
aos orphãos na miseria, ás mães que soffrem tanto!

E Deus protegerá o nosso lar bemdito,
e accenderá, por nós, mais um sol no Infinito!

ADELINA A. LOPES VIEIRA.

Typ. de Adolpho de Castro Silva & C.

POR CAMPINAS

No ceu, o azul sem termo, o esplendoroso dia,
o sol a difundir calor, vida, alegria!

Na valla humida e negra os viscosos contactos
das larvas pululando em corpos putrefactos!

No frondoso arvoredo engalanado em flores
o brando pipilar das aves multicôres!

Na alcova o estertor do pae, do irmão, do filho,
e pranto a requeimar uns olhos já sem brilho!

Por entre os laranjaes juncados de aureos pômos,
borboletas azues sugando os cardamomos!

No cemiterio triste os golpes compassados
dos alviões abrindo o leito dos finados!

Com mil raios de prata a lua a varzea innunda
e a patativa canta em meio á paz profunda!

A' luz baça e mortal que um candieiro espalha
cosem, a soluçar, a lugubre mortalha!

A humanidade em luto! Em festa a natureza!
que ironia cruel! que medonha tristeza!

***

Hontem tudo sorria, era tudo esperanças,
flores por toda a parte e em grupos as crianças,

cantos, bailes, amor, luxo, risos, ventura!
todos julgando ter a existencia segura;

o solo abençoado, o céu sempre clemente
e deixando correr o tempo suavemente...

Na uberrima cidade a ninguem faltaria
o pão alvo, e contente o operario vivia!

***

Nada mudou em torno, os céus e a terra em lumes
envolvem a cidade em nuvens de perfumes!

E mentem céus e terra em tal serenidade
assassinam sem dó, devastam sem piedade!

Deserto é tudo já, os valles e as montanhas,
escutam-se, de longe, imprecações estranhas;

um grito enfraquecido, um gemer logo extincto
o agonisar de um povo empestado e faminto.

Como se anoitecesse em meio a vastas ruinas
causa um secreto horror o contemplar Campinas.

Quantas filhas sem paes á fome condemnadas!
Quantos paes a velar filhas amortalhadas!

Quanta esposa a chorar o meigo companheiro!
Quanta mãe velha e enferma, o arrimo derradeiro!

***

Esmola irmãos, esmola! Enxuguemos o pranto
aos orphãos na miseria, ás mães que soffrem tanto!

E Deus protegerá o nosso lar bemdito,
e accenderá, por nós, mais um sol no Infinito!

ADELINA A. LOPES VIEIRA.

Typ. de Adolpho de Castro Silva & C.

POR CAMPINAS

No ceu, o azul sem termo, o esplendoroso dia,
o sol a difundir calor, vida, alegria!

Na valla humida e negra os viscosos contactos
das larvas pululando em corpos putrefactos!

No frondoso arvoredo engalanado em flores
o brando pipilar das aves multicôres!

Na alcova o estertor do pae, do irmão, do filho,
e pranto a requeimar uns olhos já sem brilho!

Por entre os laranjaes juncados de aureos pómos,
borboletas azues sugando os cardamomos!

No cemiterio triste os golpes compassados
dos alviões abrindo o leito dos finados!

Com mil raios de prata a lua a varzea innunda
e a patativa canta em meio á paz profunda!

A' luz baça e mortal que um candieiro espalha
cosem, a soluçar, a lugubre mortalha!

A humanidade em luto! Em festa a natureza!
que ironia cruel! que medonha tristeza!

***

Hontem tudo sorria, era tudo esperanças,
flores por toda a parte e em grupos as crianças,

cantos, bailes, amor, luxo, risos, ventura!
todos julgando ter a existencia segura;

o solo abençoado, o céu sempre clemente
e deixando correr o tempo suavemente...

Na uberrima cidade a ninguem faltaria
o pão alvo, e contente o operario vivia!

***

Nada mudou em torno, os céus e a terra em lumes
envolvem a cidade em nuvens de perfumes!

E mentem céus e terra em tal serenidade
assassinam sem dó, devastam sem piedade!

Deserto é tudo já, os valles e as montanhas,
escutam-se, de longe, imprecações estranhas;

um grito enfraquecido, um gemer logo extincto
o agonisar de um povo empestado e faminto.

Como se anoitecesse em meio a vastas ruinas
causa um secreto horror o contemplar Campinas.

Quantas filhas sem paes á fome condemnadas!
Quantos paes a velar filhas amortalhadas!

Quanta esposa a chorar o meigo companheiro!
Quanta mãe velha e enferma, o arrimo derradeiro!

***

Esmola irmãos, esmola! Enxuguemos o pranto
aos orphãos na miseria, ás mães que soffrem tanto!

E Deus protegerá o nosso lar bemdito,
e accenderá, por nós, mais um sol no Infinito!

ADELINA A. LOPES VIEIRA.

Typ. de Adolpho de Castro Silva & C.

POR CAMPINAS

No ceu, o azul sem termo, o esplendoroso dia,
o sol a difundir calor, vida, alegria!

Na valla humida e negra os viscosos contactos
das larvas pululando em corpos putrefactos!

No frondoso arvoredo engalanado em flores
o brando pipilar das aves multicôres!

Na alcova o estertor do pae, do irmão, do filho,
e pranto a requeimar uns olhos já sem brilho!

Por entre os laranjaes juncados de aureos pômos,
borboletas azues sugando os cardamomos!

No cemiterio triste os golpes compassados
dos alviões abrindo o leito dos finados!

Com mil raios de prata a lua a varzea innunda
e a patativa canta em meio á paz profunda!

A' luz baça e mortal que um candieiro espalha
cosem, a soluçar, a lugubre mortalha!

A humanidade em luto! Em festa a natureza!
que ironia cruel! que medonha tristeza!

* * *

Hontem tudo sorria, era tudo esperanças,
flores por toda a parte e em grupos as crianças,

cantos, bailes, amor, luxo, risos, ventura!
todos julgando ter a existencia segura;

o solo abençoado, o céu sempre clemente
e deixando correr o tempo suavemente...

Na uberrima cidade a ninguem faltaria
o pão alvo, e contente o operario vivia!

* * *

Nada mudou em torno, os céus e a terra em lumes
envolvem a cidade em nuvens de perfumes!

E mentem céus e terra em tal serenidade
assassinam sem dó, devastam sem piedade!

Deserto é tudo já, os valles e as montanhas,
escutam-se, de longe, imprecações estranhas;

um grito enfraquecido, um gemer logo extincto
o agonisar de um povo empestado e faminto.

Como se anoitecesse em meio a vastas ruinas
causa um secreto horror o contemplar Campinas.

Quantas filhas sem paes á fome condemnadas!
Quantos paes a velar filhas amortalhadas!

Quanta esposa a chorar o meigo companheiro!
Quanta mãe velha e enferma, o arrimo derradeiro!

* * *

Esmola irmãos, esmola! Enxuguemos o pranto
aos orphãos na miseria, ás mães que soffrem tanto!

E Deus protegerá o nosso lar bemdito,
e accenderá, por nós, mais um sol no Infinito!

ADELINA A. LOPES VIEIRA.

Typ. de Adolpho de Castro Silva & C.